

TIPOLOGIAS LITERÁRIAS E EXPOSIÇÃO TÉCNICA EM VIRGÍLIO E PALÁDIO

Matheus Trevizam

Universidade Federal de Minas Gerais

matheustrevizam2000@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-1744-3380>

RESUMO

Neste artigo, discutimos a questão de haver textos, na Antiguidade, mais ou menos focados no rigor expositivo dos temas técnico-científicos que contêm. No primeiro grupo estão os tratados – como *Opus agriculturae* de Paládio – e, no segundo, a poesia didática – como as *Geórgicas* de Virgílio. Em seguida, introduzimos alguns dos principais traços constitutivos dessas tipologias específicas – com menção ao aspecto organizacional das informações, aos níveis de clareza expressiva etc. – e exemplificamos as diferenças entre a escrita agrônômica das *Geórgicas* e aquela de *Opus agriculturae*. Isso é obtido comparando lexicalmente passagens de ambos a tematizarem as ferramentas agrícolas e a localização das colmeias. Os resultados das observações apontam, assim, grande prevalência da função do *docere* em Paládio e do *delectare* em Virgílio.

Palavras-chave: agrônomos romanos; escrita técnica; tratado; poesia didática; comparação.

ABSTRACT

This article discusses the fact that some Ancient texts focus on the explanatory rigor of the technical-scientific ideas they contain. Treatises, such as Palladius' *Opus Agriculturae*, fall into the more rigorous category, while didactic poetry, such as Virgil's *Georgics*, falls into the less rigorous one. Next, we discuss some of the fundamental features that distinguish these literary forms – for instance the structuring of material, levels of clarity in language, and so on – and show how the Virgilian agronomic writing differs from that of *Opus Agriculturae*. This is accomplished by comparing passages with the themes of agricultural tools and beehive placement from a lexical standpoint. As a result, the findings indicate a high prevalence of *docere* in Palladius' work and the importance of *delectare* in Virgil's *Georgics*.

Keywords: Roman agronomists; technical writing; treatise; didactic poetry; comparison.

1 INTRODUÇÃO

A observância da prática da escrita na Antiguidade revela que há certo grupo de textos majoritariamente ocupados de veicular conteúdos técnico-científicos com acuidade. Em obra recente, Taub (2017, p. 22ss.) demonstrou que tais textos podem dividir-se entre tipologias bastante variadas, tais como

a carta, o diálogo, a enciclopédia, o comentário. A essas formas de expressão “referencial”, ou seja, apontando para práticas e objetos em tentativa de oferecer uma imagem acurada do que sejam, poderíamos juntar ao menos o “tratado”, abrangendo textos de caráter teórico-informativo, cujo meio de expressão sobretudo se vincula à prosa.

A mesma Taub (2017, p. 6) explica que o emprego do termo moderno “tratado” – o qual traduz, do latim, *Ars/Artes* ou *Liber* (FERREIRA, 1983, p. 680) –, por um lado, presta-se a evidenciar alguma diferença básica entre os traços construtivos de certos textos especializados e aqueles das demais tipologias que cita (carta, diálogo etc.). Por outro, a mesma rotulação encobre o fato de que os textos a que chamamos “tratados” podem, na verdade, assumir traços razoavelmente variáveis, quando comparados entre si. Semelhante “indefinição”, assim, faz com que essa estudiosa opte por considerar a ideia dos “tratados” antigos mais com o sentido de “obras escritas” (focadas em expor conteúdos específicos) do que com o de um gênero literário de todo delimitado com rigor (TAUB, 2017, p. 11).

Outro grupo de textos, porém, sem desconvir do intento de veicular conteúdos técnico-científicos, *por vezes* com grande precisão,¹ parece agregar à função referenciadora de práticas e objetos traços que vão além do mero papel expositivo. Taub (2017, p. 22 e p. 24) incluiria, entre eles, a chamada “poesia didática antiga” e até alguns epigramas de conteúdo matemático que se acham no Livro XIV da *Antologia Grega*, coleção de poemas breves escritos, com temática variada, entre o período Clássico e o Bizantino (PRIETO, 2001, p. 22).

Em casos assim, não é raro que a elaboração propiciada pelo direcionamento poético dos dizeres dos autores acabe por revestir os textos de valores também advindos do *modo* da expressão, mais do que apenas de seu conteúdo:

O *Problema do Gado* de Arquimedes e os poemas-problema matemáticos da *Antologia Grega* presumem todos prazer na apresentação de problemas matemáticos práticos, possivelmente “cotidianos” e que se apresentam sob a forma de enigmas epigramáticos. Uma gama de interesses literários e alusões culturais se reflete até nesses textos que às vezes são classificados, de modo bem fechado, como “matemáticos”. Tais epigramas matemáticos apontam para os prazeres de usar a poesia para uma variedade de propósitos – ser divertido ao mesmo tempo em que se mostra amplitude de educação e cultura.²

¹ Em *De rerum natura*, por exemplo, Lucrécio perpassou com razoável detalhamento e acuidade os pressupostos da física epicurista.

² Taub, 2017, p. 49: “Archimedes’ *Cattle Problem* and the mathematical problem-poems from the *Greek Anthology* all presume delight in the presentation of seemingly *practical*, possibly ‘everyday’ mathematical problems proffered in the form of epigrammatic riddles. A range of literary interests and cultural allusions is reflected even in these texts which are sometimes

Na sequência de nossa exposição, sem pretender o estabelecimento de barreiras estanques entre um e outro grupo textual em pauta – já que diálogos, cartas, tratados etc. também refletem, em graus variados, as preocupações dos antigos com a elaboração da forma (TREVIZAM, 2014b, p. 188) –, nós os exemplificaremos por meio, respectivamente, da obra *Opus agriculturae*, atribuída a Rútílio Tauro Emiliano Paládio (séc. IV-V d.C.), e das *Geórgicas*, “poema da terra” de Virgílio Marão (séc. I a.C.). Nesse percurso, serão apresentados alguns traços gerais das tipologias/gêneros literários em que se inserem, com comentários e foco sucinto nos trechos correspondentes a *Geórgicas* I, 160-175/*Opus agriculturae* I, 42, 1-3 e a *Geórgicas* IV, 8-32/*Opus agriculturae* I, 37, 1-5.

2 TRAÇOS TIPOLÓGICOS DAS *GEÓRGICAS* E DE *OPUS AGRICULTURAE*

2a Características didáticas das *Geórgicas*

Quando se fala na poesia didática, tal como praticada pelos autores greco-romanos desde Hesíodo (séc. VIII-VII a.C.), poeta a quem se atribuem os *Trabalhos e Dias*, divisamos uma tipologia que se estendeu por razoável arco temporal, tendo, ainda, mantido intactas suas principais características. Então, após o intervalo que medeia entre a obra supracitada do *prôtos heuretês* e poemas helenísticos como *Phaenomena*, de Arato de Soli (séc. III a.C.), e *Theriaca* e *Alexipharmaca*, de Nicandro de Cólofon (séc. II a.C.), encontraríamos um provável espécime dessa poesia, em Roma, já nos *Hedyphagetica* de Ênio (VOLK, 2002, p. 58).

Lucrécio, por sua vez, firmou à sua maneira essa tradição compositiva nas Letras latinas e foi modelo para Virgílio, das supracitadas *Geórgicas*, tendo-se seguido a esses autores didáticos, em latim, o obscuro Grácio Falisco (*Cynegeticon*, séc. I a.C. até I d.C.) e Nemesiano de Cartago (*Cynegetica*, séc. III d.C.), entre outros. Em todos esses textos, gregos e latinos, encontra-se como base da estrutura comunicativa o binômio *magister/discipulus*, sendo o primeiro a voz que se investe do papel de transmissão de saberes, em tom “instrucional” (TOOHEY, 1996, p. 4), a um *tu*/ouvinte moldado como aluno. Outros recursos encontráveis na poesia didática antiga são a recorrência, em geral, ao metro hexâmetro datílico – o mesmo da épica homérica –, a presença de digressões mítico-narrativas em meio aos preceitos do *magister*, o padrão,

classified rather narrowly as ‘mathematical’. These mathematical epigrams point to the pleasures of using poetry for a variety of purposes – being amusing while showing breadth of education and culture” (trad. nossa).

muitas vezes, técnico e detalhado das explicações, a usual seriedade expositiva da forma, a extensão mediana dos textos.³ Desde, pelo menos, o *Tractatus Coislinianus* (séc. X d.C.), costumamos dividir os poemas didáticos entre os de conteúdo prático – voltados para uma ação externa ao texto – e os de conteúdo “teórico”, com fins de instrução científico-filosófica.

Nem sempre, porém, todas as obras antigas consideradas, ao menos em parte, poemas didáticos manifestam todos esses traços em conjunto: de fato, resguardando-se embora a base comunicativa sob os contornos de uma “aula”, os textos erotodidáticos de Ovídio Nasão (séc. I a.C. a I d.C.) foram escritos sob a forma de dísticos elegíacos e parece haver, neles, certo impulso paródico (DALZELL, 1996, p. 148). Nas *Geórgicas*, sente-se falta, especialmente, do padrão “técnico e detalhado” – nos termos de Toohey (1996, p. 4) – das explicações a respeito da agropecuária, podendo, ainda, haver oscilações no nível de seriedade entre suas seções.⁴

Sucessivos autores, então, coligiram dados para exemplificar as falhas na integridade do tecido técnico das *Geórgicas*: Wilkinson (1997, p. 80) explica que o rol de ferramentas para o cultivo – arados, enxadas, foices, pás, podões –, presente em seu livro inicial, não se pode equiparar à extensão das listas encontráveis, neste mesmo quesito, nas obras dos verdadeiros “agrônomos” romanos, tais como Catão (*De agri cultura*, séc. III-II a.C.), Varrão (*De re rustica*, séc. I a.C.) e Columela (*De re rustica*, séc. I d.C.).

Complementa-o, à sua maneira, Dalzell (1996, p. 107), que menciona não só a falta de detalhamento mas ainda a “seletividade” como prováveis indícios de a face instrutiva das *Geórgicas*, em âmbito agropecuário, corresponder à simples figuração. Sobre o aspecto de Virgílio não profundar as explicações que dá no tocante às técnicas agrícolas, talvez seja o modo de apresentação do cultivo das oliveiras um dos exemplos mais eloquentes, pois apenas seis versos são dedicados à (importantíssima) planta pelo poeta, em *Geórgicas* II, 420-425 (DALZELL, 1996, p. 107).

Seletivamente, ainda, entre os pequenos animais, somente as abelhas recebem tratamento no livro IV das *Geórgicas*, enquanto importantes criações – de suínos, asininos etc. – não têm cobertura “alguma” no livro III

³ Os *Trabalhos e dias* de Hesíodo contém 828 versos; as *Geórgicas*, 2.188 versos.

⁴ Wilkinson, 1997, p. 101: “On the other-hand, there may be two kings (sc. ‘queens’), and this leads to fighting in the air (67-87). Exploiting the contrast, Virgil describes a pitched battle in human and indeed epic military terms: *ingentis animos angusto in pectore uersant*,/ ‘mighty passions seethe in their tiny breasts’. The play of large and small has become openly mock-heroic”. – “Por outro lado, pode haver dois reis (sc. ‘rainhas’), e isso leva a lutas no ar (67-87). Explorando o contraste, Virgílio descreve uma batalha campal em termos humanos e épico-militares: *ingentis animos angusto in pectore uersant*,/ ‘poderosas paixões fervilham em seus minúsculos peitos’. O jogo do grande e do pequeno tornou-se abertamente herói-cômico” (trad. nossa).

(DALZELL, 1996, p. 107). Isso presumivelmente se dá porque o poeta teria escolhido privilegiar as espécies mais tratáveis de um ponto de vista poético: as próprias abelhas, assim, com sua vida gregária e divisão de funções na colmeia, evocam uma espécie de sociedade, podendo prestar-se a muitos paralelos com a vida humana (TOOHEY, 1996, p. 115). Os belos cavalos, sem terem sido comumente animais de tração e transporte no cotidiano dos *fundi rustici* romanos (WHITE, 1970, p. 298), podem vincular-se a mitos (VIRGÍLIO, *Geórgicas* III, 89-94), trazendo ainda para o poema didático de Virgílio certa aura épica:

Primeiro ousa pôr-se a caminho, experimentar rios
ameaçadores e entregar-se a uma ponte desconhecida,
nem se apavora com ruídos sem importância. Tem a nuca alta
e a cabeça afilada, o ventre pequeno, o dorso gordo,
o peito intrépido abunda em músculos. Bons
os baios e de olhos verdes, a pior cor têm os brancos
e o cinza escuro. Então, se em algum ponto ao longe as armas ressoaram, não sabe
parar no lugar, mexe as orelhas, faz tremer
os membros e, fremente, revolve sob as narinas fogo recolhido.⁵

Assim Cílaro domado pelas rédeas de Pólux
amicleu e, de que os poetas gregos se lembram,
os cavalos emparelhados de Marte e a junta do grande Aquiles.
Assim também o próprio Saturno espalha a crina na nuca
equina, ligeiro à chegada da esposa, e, fugindo,
encheu o alto Pélion com um relincho agudo.⁶

A primeira passagem citada, de *Geórgicas* III, insere-se em contexto de recomendação da seleção dos melhores equinos a serem criados no *fundus rusticus*. Isso, ali, ocorre por meio dos cuidados reprodutivos, de modo que aqueles animais escolhidos para acasalar-se devem receber atenção “desde pequenos” (*a teneris*, v. 74). Um potro com bons traços, segundo tal lógica seletiva do bom criador, teria características fenotípicas e/ou psíquicas especiais, a exemplo, no primeiro caso, do “ventre pequeno” (*brevis aluus*, v. 80) e, no outro, da inquietude ao ouvir o ruído das armas (*stare loco nescit* – “*não sabe parar no lugar*”, v. 84). Específicos detalhes do trecho, ainda, evocam

⁵ Virgílio, *Geórgicas* III, 77-85: *Primus et ire uiam et fluuios temptare minantis/ audet et ignoto sese committere ponti,/ nec uanos horret strepitus. Illi ardua ceruix/ argutumque caput, brevis aluus obesaque terga,/ luxuriatque toris animosum pectus. Honesti/ spadices glaucique, color deterrimus albis/ et giluo. Tum, si qua sonum procul arma dedere,/ stare loco nescit, micat auribus et tremitt artus,/ collectumque fremens uoluit sub naribus ignem* (trad. nossa).

⁶ Virgílio, *Geórgicas* III, 89-94: *Talis Amyclaei domitus Pollucis habenis/ Cyllarus et, quorum Grai meminere poetae,/ Martis equi biiuges et magni currus Achillei;/ talis et ipse iubam ceruice effundit equinal/ coniugis aduentu pernix Saturnus et altum/ Pelion hinnitu fugiens impleuit acuto* (trad. nossa).

diretamente a “vocação” desses potros para a guerra, pois ficam inquietos ao ouvir o ruído das armas (v. 83-84). Mynors (VIRGIL, 2003, p. 194) cita, a propósito dessa imagem, o diálogo senequiano *Sobre a ira* II, 2, 6 (*equosque castrenses erigit crepitus armorum* – “e o crepitar das armas anima os cavalos militares”, trad. nossa), bem como, de Ésquilo, a tragédia chamada *Sete contra Tebas*.⁷

O trecho identificado com *Geórgicas* III, 89-94, ainda, abre os horizontes do leitor das *Geórgicas* para todo um panorama de lendas. Primeiramente, refere-se Cílaro (v. 90), sendo ele certo cavalo pertencente a um dos dióscuros, Pólux, o qual recebera o animal com seu irmão da deusa Hera, em companhia de outro chamado Xanto (VIRGIL, 2003, p. 195). Na sequência, os cavalos de Marte aludem a uma passagem de Homero (*Iliada* XV, 119-120), na qual se diz que Ares toma rédeas em suas mãos e manda à Fuga e ao Terror que apressem os corredores. Se, nesse âmbito homérico, ignoramos os nomes dos cavalos de Ares/Marte, aqueles de Aquiles foram chamados Bálios e Xanto (HOMERO, *Iliada* XVI, 148ss.): sendo imortais, nasceram da união entre Zéfiro e a harpia Podarge, e eram dotados do dom da fala.

Enfim, entre v. 92-94, conta-se a lenda da metamorfose de Saturno em equino, a fim de fugir mais rapidamente da esposa, Reia, quando foi flagrado por ela em adultério com a oceânide Filira (filha de Oceano e Tétis). Esse mito é narrado por Apolônio de Rodes em *Argonáuticas* II, 1231-1241, mas não por Ovídio, o qual, em *Metamorfoses* I, 610, apenas inicia um verso alusivamente, dizendo *coniugis aduentu* (“com a chegada da esposa”). Nesse poeta romano, porém, a metamorfose é outra e foi realizada por iniciativa de Júpiter: Io, então, transformou-se em novilha, a fim de furtrar-se à vingança da ciumenta Juno.

Importa referir que, da união entre Saturno e Filira nasceu o centauro Quíron, dotado de grande sabedoria e saberes práticos em muitas áreas do conhecimento humano (música, guerra, caça, moral e medicina). Esse centauro, segundo a lenda, teria sido responsável pela educação de Aquiles, Jasão, Asclépio e outras personagens (GRIMAL, 1963, p. 90). Em *Geórgicas* III, Quíron é mencionado nominalmente em v. 550, quando se diz que, com Melampo,⁸ teria “renunciado” a medicar os atingidos pela irremediável Peste Nórica.

⁷ Ésquilo, *Sete contra Tebas* 393-394: ἵππος χαλινῶν ὧς κατασθμαίνων μένει, ὅστις βοῆν σάλπιγγος ὀρμαίνει μένον – “como o cavalo, que relinchando sobre o freio, espera/ o toque da batalha, e, esperando, agita-se por inteiro” (*apud* MOTA, 2013, p. 156 – trad. Marcus Mota).

⁸ Melampo era um médico, especialista em ervas e adivinho, segundo o mito (HOMERO, *Odisseia* XI, 287ss.). Adquiria esses atributos ao ser purificado pelos filhotes de uma serpente

Em artigo destinado a comentar as especificidades poéticas das *Geórgicas*, quando comparadas ao caráter mais “objetivo” das obras dos agrônomos romanos, Thomas (1987, p. 249) fez ver que a referência ao mito da metamorfose de Saturno, cujo fruto foi um centauro – ou seja, um híbrido entre ser humano e equino –, presta-se a propor, no livro III do poema didático de Virgílio, uma imagem concreta da permeabilidade de fronteiras em existência para o homem, continuamente aproximado das mesmas forças que movem os bichos em *Geórgicas* III.⁹ *Mutatis mutandis*, os animais também são antropomorfizados ao longo dessa obra de Virgílio, o que se dá, no livro geórgico em pauta, fazendo com que experimentem as mesmas dores e emoções dos homens.¹⁰

Efeitos de sentido semelhantes significam, como os entendemos, que Virgílio antes se serve dos tópicos em nexos com o mundo rural – plantio, pecuária, apicultura etc. – a fim de propor reflexões atinentes a assuntos distintos da mera ruralidade. Por sinal, segundo certa classificação originalmente apresentada por Effe (*apud* DALZELL, 1996, p. 32), havendo nos sucessivos poemas didáticos distinção entre *der Stoff* (= assunto explícito) e *das Thema* (= assunto profundo), algumas obras dessa tipologia apresentam-nos idênticos (como se dá com o *De rerum natura* lucreciano, completamente preenchido pela física epicurista) e correspondem à variedade “Ideal”; outras também os apresentam idênticos, mas a falta de comprometimento com qualquer intento “pedagógico” é tamanha, em privilégio da forma, que se tornam simples exercícios de letrados (como se dá com *Theriaca* e *Alexipharmaca* de Nicandro de Cólono, séc. II a.C.), encaixando-se na variedade “Formal”; outras – é o caso das *Geórgicas* – apresentam-nos distintos, com emprego do assunto de superfície ao modo de mera “porta de entrada” para os significados profundos dos textos. Tal configuração as torna, de acordo com a tipologia de Effe (1977, p. 80ss.), poemas didáticos “Transparentes”.

morta que sepultara, depois de eles lamberem seus ouvidos com suas línguas bífidas (GRIMAL, 1963 – nas referências só há uma obra com data de 1994, p. 282).

⁹ Virgílio, *Geórgicas* III, 242-244: *Omne adeo genus in terris hominumque ferarumque, / et genus aequoreum, pecudes, pictaeque uolucres, / in furias ignemque ruunt: amor omnibus idem.* – “Inteiramente toda a estirpe dos homens e animais na terra, / a estirpe marinha, os rebanhos e as aves coloridas / se precipitam à fúria e ao fogo: o desejo é o mesmo para todos” (trad. nossa).

¹⁰ Sobre *Geórgicas* III, 515-525 (cena da morte de um frugal boi de arado em pleno trabalho), pronuncia-se West (2007, p. 82): “The moralizations that follow reflect upon the futility of hard work, sobriety and simple living in moving terms which are human rather than bovine”. – “As moralizações que se seguem refletem sobre a futilidade do trabalho duro, sobriedade e vida simples em termos comoventes que são humanos e não bovinos” (trad. nossa).

2B CARACTERÍSTICAS TRATADÍSTICAS DE *OPUS* *AGRICULTURAE*

Se a tipologia da poesia didática permite que alguns de seus espécimes não realizem com total acuidade a função expositiva em relação a seu assunto explícito, algo semelhante não deveria ser esperado dos tratados e/ou outros tipos de textos, de fato, técnicos, pois a ênfase em sua elaboração pende para a eficaz exposição de conteúdos, não para o formalismo.¹¹ Embora isso seja um juízo de valor parcial quando aplicado aos tratadistas romanos de agricultura – pois Paládio, por exemplo, modula sua prosa com recursos rítmicos,¹² finaliza-a por meio de um poema chamado *Carmen de insitionibus* (livro XV) e recorre a figuras de elocução, como os quiasmos e as aliterações, ao longo do texto –,¹³ não deixa de ser um fato que obras afins à paladiana e à de Columela sobretudo se destacam pelo vasto e minucioso cabedal de conhecimentos técnicos oferecidos ao leitor, sem haver o alçamento do modo de expressão a um plano de completo protagonismo:

Columela não é, como Varrão ou Celso, um enciclopedista. A agricultura é seu único assunto. Ele a conhece bem por tê-la praticado e pode entrar nos detalhes da técnica. Ele pode quantificar os investimentos necessários, avaliar os retornos. Procura dar conta, cientificamente, das receitas empíricas fornecidas pelos viticultores. Ele imagina, por exemplo, toda uma fisiologia da videira, cujos sarmentos seriam percorridos por um sopro cujo trajeto explicaria a distribuição

¹¹ Fögen, 2009, p. 10: „Fachtexte sind nicht um die Form oder um einen Appell an den Leser bemüht, sondern primär inhaltsbetont“. – “Textos técnicos não se preocupam com a forma ou com o apelo ao leitor, mas principalmente com o conteúdo” (trad. nossa).

¹² Martin, 1976, p. XLVI: “Pour être purement technique et écrit avec une grande économie de moyens, l’*Opus agriculturae* n’en est pas moins un ouvrage d’une excellente tenue littéraire, et un fait suffit à indiquer clairement que son auteur a voulu qu’il en fût ainsi: c’est que la prose de Palladius est une prose métrique, condition nécessaire et suffisante pour qu’on puisse voir dans son traité un *opus accurate scriptum*”. – “Embora puramente técnico e escrito com grande economia de meios, o *Opus agriculturae* não deixa de ser uma obra de excelente qualidade literária, e um fato basta para indicar claramente que seu autor pretendia que assim fosse: é que a prosa de Paládio é uma prosa métrica, condição necessária e suficiente para que possamos ver em seu tratado um *opus accurate scriptum*” (trad. nossa).

¹³ Casas, 1990, p. 12-13: “Casi todas las figuras retóricas tenían cabida en algún lugar del *Opus Agriculturae*. En estudios posteriores se advertía que el recurso a la *variatio* y a la personificación era frecuente y que su prosa estaba sometida a cláusulas rítmicas. En estas condiciones, cada nuevo ejemplo de quiasmo o de aliteración se esgrimía como prueba de una contradicción interna del autor frente a una pretendida finalidad antirretórica”. – “Quase todas as figuras de linguagem tinham espaço em algum lugar do *Opus Agriculturae*. Em estudos posteriores, notou-se que o uso de *variatio* e personificação era frequente e que sua prosa estava sujeita a cláusulas métricas. Nessas condições, cada novo exemplo de quiasmo ou aliteração era apresentado como prova de uma contradição interna do autor diante de um suposto propósito anti-retórico” (trad. nossa).

dos cachos. Pouco importa que essa explicação seja imprecisa. O que devemos lembrar é o desejo de Columela de descobrir a razão dos fenômenos. Ele explica isso em uma passagem de seu livro sobre a videira: no ponto de partida, coloca a *ratio*, ou seja, a analogia, que é confirmada pela experiência (*experimentum*). O que já é uma abordagem científica.¹⁴

A prudência começa pela avaliação da própria pessoa a quem se há de preceituar. Não deve, com efeito, o mestre de um agricultor emular os rétores nas artes e na eloquência, como fez a maioria: falando eloquentemente a rústicos, conseguiram que seu método, sequer pelos mais eloquentes pudesse ser entendido. Mas deixemos de alongar o prefácio, para não imitarmos os que repreendemos. [2] Devemos falar, se os deuses ajudarem, sobre a agricultura inteira, as pastagens, os edifícios rústicos – conforme os mestres arquitetos –, o achamento das águas e tudo aquilo que convém ao agricultor fazer ou alimentar com vistas ao deleite ou ao lucro, mas em geral dividindo no tempo.¹⁵

Na segunda passagem citada, especificamente, que integra a maior parte do brevíssimo proêmio de *Opus agriculturae*, Paládio critica antecessores – provavelmente, neles incluindo Columela –¹⁶ no domínio dos escritos agrários

¹⁴ Grimal, 1994, p. 419: “Columelle n’est pas, comme Varron ou Celse, un encyclopédiste. L’agriculture est son unique sujet. Il la connaît bien pour l’avoir pratiquée et il peut entrer dans le détail de la technique. Il peut chiffrer les investissements nécessaires, évaluer les rendements. Il essaie de rendre compte, scientifiquement, des recettes empiriques fournies par les vigneron. Il imagine, par exemple, toute une physiologie de la vigne, dont les sarments seraient parcourus par une respiration dont le trajet expliquerait la répartition des grappes. Il importe peu que cette explication soit inexacte. Ce que nous devons en retenir c’est le désir, chez Columelle, de découvrir la raison des phénomènes. Il s’en explique dans un passage de son livre sur la vigne: au point de départ, il met la ratio, c’est-à-dire l’analogie, que vient confirmer l’expérience (*experimentum*). Ce qui est une démarche déjà scientifique” (trad. nossa).

¹⁵ Paládio, *Opus agriculturae* I (proêmio): *Pars est prima prudentiae ipsam, cui praecepturus es, aestimare personam. Neque enim formator agricolae debet artibus et eloquentia rhetores aemulari, quod a plerisque factum est: qui dum diserte loquuntur rusticis, adsecuti sunt, ut eorum doctrina nec a disertissimis possit intelligi. Sed nos recidamus praefationis moram, ne, quos reprehendimus, imitemur.* [2] *Dicendum autem nobis est, si diuina fauerint, de omni agricultura et pascuis et aedificiis rusticis secundum fabricandi magistros et aquae inuentionibus et omni genere eorum, quae uel facere uel nutrire oportet agricolam ratione uoluptatis et fructus, suis tamen temporibus per uniuersa distinctis* (trad. nossa).

¹⁶ Cartelle, 2007, p. 798: “De la manifestación inicial del autor (I, 1) de que para instruir a los agricultores hay que evitar los artificios de la retórica se deduce una crítica directa al estilo de Columela y la voluntad de volver a la lengua técnica tradicional en la agronomía latina desde Catón. Esta sujeción a las reglas del género tradicional da cuenta de sus características más acusadas: claridad, concisión e incluso, dentro de una corrección bastante generalizada, la admisión comedida de algunos coloquialismos-vulgarismos”. – “Da afirmação inicial do autor (I, 1) de que para instruir os agricultores é preciso evitar os artificios da retórica, deduz-se uma crítica direta ao estilo de Columela e a vontade de retornar à linguagem técnica tradicional na agronomia latina desde Catão. Essa sujeição às regras do gênero tradicional explica suas características mais pronunciadas: clareza, concisão e até, dentro de uma correção bastante geral, a admissão contida de alguns coloquialismos-vulgarismos” (trad. nossa).

latinos que se destacaram pelo “excessivo” cuidado concedido ao estilo de escrita, a ponto de a compreensão de seus dizeres ter-se tornado um desafio não apenas para modestos cultivadores dos campos, mas também para homens intrinsecamente letrados. Intentando, assim, a fuga a esse padrão expressivo, ele não estende o próêmio da obra inteira – “mas deixemos de alongar o prefácio, para não imitarmos os que repreendemos” –, limitando-se, nele, após as ressalvas que temos referido, a dar sumário esboço dos temas técnicos que se seguirão e a tocar na partição dos assuntos do tratado segundo o aspecto cronológico.

Tal posicionamento pela “simplicidade”, nos termos do próêmio supracitado, não significa, porém, que nada haja nessa parte da obra paladiana com implicações de certa elaboração retórica. Martin (1976, p. XLVI – nota 72), dessa forma, encontra o emprego dos seguintes ritmos oratórios no trecho em jogo: *aestimare personam* (crético-trocaico); *rhetores aemulari* (crético-dicoreu); *loquuntur rusticis* (espondeu-crético); *possit intellegi* (dicrético). Ademais, na expressão *reprehendimus imitemur* o mesmo crítico aponta a presença de um fecho hexamétrico, algo, de resto, não incomum na prosa de Paládio. Esse efeito se acha também em I, 6, 15 (*horis operandis*); VIII, 1, 1 (*calendas iterentur*) etc.

Portanto, como os ornatos da forma, coexistindo com moderação junto ao gesto referencial nos tratados latinos de agropecuária, geralmente “cedem o passo” a reais intentos informativos, alguns traços compositivos até certo ponto associáveis a essa tipologia são a clareza, em nível vocabular e frasal, a racional disposição dos conteúdos nas obras correspondentes e a recorrência a um vocabulário rico, conforme se dá na Literatura técnica de vários autores.

Sobre a *perspicuitas* “clareza”, Fögen (2009, p. 29) remete-se a Quintiliano (*Instituição oratória* VIII, 2, 1-11) para dizer que, no léxico, equivaleria ao emprego de palavras em sentido próprio (não tanto conotativo) se possível, bem como ao moderado uso de estrangeirismos e a tudo o que fuja do “padrão usual” da linguagem. Em nível frasal, hipérbatos, muitos parênteses em meio ao fluxo comunicativo dos períodos, a excessiva extensão desses etc. devem ser evitados:

Muito de obscuridade há na concatenação ou na sequência discursiva, e de várias maneiras. Por isso que a frase não deve ser tão longa de modo que a atenção não possa persegui-la, nem tão lenta pela disjunção que o fim dela seja adiado ilimitadamente. Pior que tudo isso referido até agora, é a ‘mistura das palavras’ como neste verso:

“Abrolhos sob o mar que Ítalos aras/ nomeiam”.¹⁷

¹⁷ Quintiliano, *Instituição oratória* VIII, 14: *Plus tamen est obscuritatis in contextu et continuatione sermonis, et plures modi. Quare nec sit tam longus ut eum prosequi non possit intentio, nec transiectione tam tardus ut ultra modum finis eius differatur. Quibus adhuc peior est mixtura uerborum, qualis in illo uersu: ‘saxa uocant Itali mediis quae in fluctibus aras [Virgílio,*

Aludir, ainda, à racionalidade dos princípios organizadores de conteúdos na própria obra, por vezes contrapondo tal racionalidade às falhas de disposição dos assuntos nos textos dos antecessores, é uma espécie de *tópos* da Literatura tratadística antiga. Embora o exemplo dado por Fögen (2009, p. 27) seja o de Marcelo Empírico, autor da obra *De medicamentis* (séc. IV-V d.C.), podemos divisar o emprego do *tópos* em pauta ao final do brevíssimo prólogo de Paládio para *Opus agriculturae*, em que ele anuncia seu propósito de apresentação dos assuntos agrícolas “dividindo-os no tempo” (*suis... temporibus... distinctis*). Ora, vale a pena lembrar que esse tratado apresenta o total de quinze livros: entre o primeiro, que aborda conteúdos agrícolas de caráter geral (modo de encontrar água e escolher boas terras, de dispor os edifícios rurais etc.), e o décimo quarto (sobre a medicina veterinária), ele de fato abrange doze livros destinados, cada qual, à exposição das tarefas rústicas a serem feitas ao longo dos meses corridos do ano.

Semelhante composição de *Opus agriculturae* como, em grande parte, um “calendário” de trabalhos campesinos constitui um fator organizacional e de praticidade de consulta que não deve ser desprezado. Assim, Casas (1990, p. 35 e p. 40-41) atribui à clareza expressiva do texto paladiano e a esta sua peculiar característica na distribuição dos temas o grande sucesso de que desfrutou na Idade Média, sendo então o tratado latino de agricultura mais copiado e difundido, inclusive entre monges pouco letrados.

Também se nota, acrescentamos, a tendência do autor de dispor os temas gerais de maneira mais ou menos regular, nos livros do “calendário”. Assim, Paládio concentra os tópicos sobre os animais rústicos, nos livros em que isso ocorre, ao final de cada um deles: é o que se dá no livro III, referente ao mês de fevereiro, com a abordagem dos suínos; no livro IV, referente ao mês de março, para os bois, cavalos, mulas, burros e abelhas; no livro V, referente a abril, com as abelhas; no livro VII, referente a junho, com as abelhas; no livro VIII, referente a julho, com a abordagem do gado; no livro IX, referente a agosto, com a tematização das abelhas; no livro XI, referente ao mês de outubro, de novo com as abelhas; no livro XII, referente ao mês de novembro, sobretudo com as ovelhas e caprinos; no livro XIII, referente ao mês de dezembro, com os preceitos sobre a captura de pássaros.

Ademais, na maior parte dos livros onde o tópico é abordado, observamos a tematização do cultivo das hortas rústicas – de legumes e ervas – em segunda posição, entre o assunto do cultivo dos campos e aquele do trato das árvores frutíferas. Tal padrão organizacional é notado, por exemplo, nos livros IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI e XII: o livro II, com efeito, não tematiza essas hortas;

Eneida I, 109]’ (trad. de Quintiliano por Brunno Vinícius Gonçalves Vieira; trad. de Virgílio por Manuel Odorico Mendes *apud* VIEIRA, 2009, p. 40).

no livro III, o assunto em pauta vem em quarta posição, após os trabalhos de cultivo dos campos, das vinhas e da arboricultura; no livro XIII, de modo muito breve – como um simples parágrafo –, os plantios hortenses têm a terceira posição, sendo precedidos pelo assunto da sementeira e por aquele de outras tarefas nos campos.

Acrescida da possibilidade de consulta para épocas bem específicas do ano, a patente regularidade de disposição de muitos dos principais temas rústicos em *Opus agriculturae* deve ter significado, para indivíduos efetivamente interessados pelo cultivo e pecuária nos mundos antigo e medieval, mais um fator de facilitação na leitura do texto. Então, se um camponês ou supervisor de trabalhos agrários, desejoso de informações, estivesse por exemplo nos meses de março ou abril e quisesse saber quais trabalhos hortenses deveriam ser conduzidos, especificamente, nessa época do ano, poderia aos poucos habituar-se mentalmente com a posição do tópico apontado, na maior parte dos livros da obra. A isso se junta que os manuscritos do tratado contiveram índices a precederem os capítulos, traço compositivo que Casas (1990, p. 9-10) relaciona à estruturação dos livros de leis e à forma dos códices, não dos *uolumina*.

Por sua vez, a copiosidade do vocabulário especializado – traço que, de imediato, salta aos olhos na leitura de vários tratadistas romanos de agricultura – diz respeito à frequente preocupação dos autores dessa tipologia com revestirem de palavras as mais pequenas realidades do Universo envolvido (DE MEO, 1986, p. 56-57). Então, se Plínio reprovou em Virgílio a citação, nas *Geórgicas*, de meros “quinze tipos de uva, três tipos de azeitona, três tipos de pera e apenas da maçã assíria”,¹⁸ notamos nos agrônomos romanos, em outro âmbito lexical, que

a variedade de enxadas e ancinhos é significativa, muitos já presentes em Catão: *ferrea (h)irpex* (ver p. 33), *ligo, pala, bipalium* (que, com Paládio, será substituído por *vanga*, de origem germânica e destinado a prevalecer nas línguas românicas), *raster* (daí *rastellus*), *rutrum, sarculum*; e depois novamente *bidens, marra, pastinum* etc.”¹⁹

¹⁸ Plínio, *Naturalis Historia* XIV, 7 *apud* Dalzell (1996, p. 107): “... but he mentioned only fifteen kinds of grape, three kinds of olive, three kinds of pear, and only the Assyrian apple, omitting all the rest” (trad. nossa).

¹⁹ De Meo, 1986, p. 56-57: “Significativa la varietà di zappe e rastrelli, molti già presenti in Catone: *ferrea (h)irpex* (cfr. p. 33), *ligo, pala, bipalium* (che con Palladio sarà sostituito da *vanga* di origine germanica e destinato a prevalere nelle lingue romanze), *raster* (quindi *rastellus*), *rutrum, sarculum*; e poi ancora *bidens, marra, pastinum* ecc.” (trad. nossa). Vários desses termos são empregados por Paládio, como, além de *vanga, ligo, rastellus, rutrum, sarculum* etc.

Fögen (2009, p. 38), ainda, reforça a questão do vocabulário como algo indispensável para a constituição de qualquer linguagem das ciências ou ofícios, referindo ser absolutamente impossível uma discussão diferenciada de conhecimentos e técnicas específicas sem termos técnicos. Cita também o médico Rufo de Éfeso (séc. I-II d.C.), o qual, no capítulo inicial de sua obra *De nominatione partium hominis*, considerava imperativo, no tocante à medicina (e a outras disciplinas), familiarizar-se primeiro com a terminologia para, assim, poder compreender melhor os assuntos (FÖGEN, 2009, p. 38).

3 COMPARAÇÃO ENTRE *GEÓRGICAS* I, 160-168/*OPUS AGRICULTURAE* I, 42, 1-3 E *GEÓRGICAS* IV, 8-32/*OPUS AGRICULTURAE* I, 37, 1-5: SENTIDOS DO LÉXICO E RIQUEZA VOCABULAR

Um dos mais importantes trechos da preceituação prática no livro inicial das *Geórgicas* diz respeito a v. 160-168, no qual o poeta tece comentários a respeito das “armas” de uso nos campos de cultivo:

Também se deve dizer quais são *as armas* dos duros rústicos, sem o que nem puderam as searas ser plantadas nem surgir: primeiro a relha e o pesado lenho do arado curvo, os lentos carros rolantes da mãe Eleusina, os trilhos, grades e rastelos de peso enorme; e, além disso, os vimes de Ceceu e os utensílios humildes: grades de medronheiro e a joeira mística de Iaco; tudo o que, lembrando-te, guardarás de reserva muito antes, se a glória honesta do campo divino está reservada a ti.²⁰

Como se explicou em outro contexto (TREVIZAM, 2014a, p. 192), comentadores como Richard Thomas e R. A. B. Mynors frisam o caráter algo inusitado da expressão de v. 160 na língua latina: para o primeiro (VIRGIL, 1994, p. 95-96), que registra o aspecto “inaugural” desse emprego, ou seja, o fato de se documentar aqui o uso de *arma* por *instrumenta* pela primeira vez na Literatura de Roma, não passam ainda despercebidos os sentidos, metaforicamente, “guerreiros” da passagem, como se os esforços de trabalho do *agricola* também fossem, à sua maneira, lutas. Mynors, por sua vez,

²⁰ Virgílio, *Geórgicas* I, 160-168: *Dicendum et quae sint duris agrestibus arma, / quis sine nec potuere seri nec surgere messes: / uomis et inflexi primum graue robur aratri, / tardaue Eleusinae matris uoluentia plaustra, / tribulaue trabeaeque et iniquo pondere rastris; / uirgea praeterea Celei uilisque supellex, / arbuteae crates et mystica uannus Iacchi; / omnia quae multo ante memor prouisa repones, / si te digna manet diuini gloria ruris* (trad. nossa, grifo nosso).

destaca o “decalque” desses dizeres sobre o grego ὄπλα, também com os sentidos de “ferramenta” e “aparelhagem” (ingl. “tool” e “tackle”, respectivamente) de Homero em diante, e cita a retomada da expressão na *Eneida* (I, 177: *Cerealiaque arma* – “armas de Ceres”); em seguida, também menciona que tais *duri agrestes* “estavam empenhados em lutas não menos árduas e honrosas que guerreiros”, e por fim acrescenta uma citação similar dos *Astronomica* de Manílio, a qual atesta a sobrevivência da mesma imagética em tempos subsequentes aos de Virgílio (II, 20: *militiamque soli* – “milícia da terra”).²¹

Os itens referidos por Virgílio, na passagem transcrita, são, basicamente nove, a “relha” (*uomis*, v. 162), o “arado” (*aratri*, v. 162), os “carros rolantes da mãe Eleusina” (*Eleusinae matris uoluentia plaustra*, 163), os “trilhos” (*tribula*, v. 164), as “grades” (*trabeae*, v. 164), os “rastelos” (*rastri*, v. 164), os “vimes de Celeu” (*uirgea... Celei*, v. 165) e os “utensílios humildes” (*uilisque suppelex*, v. 165): “grades de medronheiro” (*arbuteae crates*, v. 166) e a “joeira mística de Iaco” (*mystica uannus Iacchi*, v. 166). Na sequência, entre v. 169-175, Virgílio desenvolve um pouco a questão, oferecendo supostos preceitos para a feitura de um arado, sem que sejam de todo eficientes (VIRGIL, 2003, p. 37).

Dentre esses itens, três recebem associações mítico-religiosas: a “mãe Eleusina”, então, era a deusa romana Ceres, equivalente da grega Deméter e associada ao “milagre” do brotamento das sementes no seio da terra; segundo Grimal (1963, p. 120), o rapto de Perséfone/Prosérpina, filha da deusa, por Hades/Plutão e a consequente busca da moça por Deméter constituem o núcleo das lendas vinculadas à divindade, com apropriações pelos ritos dos Mistérios de Elêusis, quando seu “significado profundo” era revelado aos adeptos.

“Celeu”, da referência em v. 165, é justamente um rei lendário de Elêusis, no tempo em que Deméter/Ceres passou pela cidade em busca de sua filha e ensinou as técnicas agrícolas aos homens (VIRGIL, 2003, p. 35); Iaco, enfim, indicaria quer uma figura associada aos Mistérios de Elêusis quer o próprio Baco (VIRGIL, 2003, p. 36). De todo modo, é notável nessa pequena listagem das *Geórgicas*, além de uma poética mitologização, o recurso à metáfora geral do “armamento” representado por simples relhas e rastelos, o que enriquece as possibilidades de interpretação da obra, mas afasta seu nível de expressão da plena clareza, nos termos de Quintiliano (*Instituição oratória* VIII, 2, 1).

Em outro mundo adentramos quando, lendo *Opus agriculturae* I, 42, 1-3, encontramos duas vezes a clara denominação *ferramenta* para os objetos da longa lista constituída pela maior parte deste excerto.²² Tais objetos

²¹ Trevizam, 2014a, p. 193.

²² Paládio, *Opus agriculturae* I, 42, 1-3: *Instrumenta uero haec, quae ruri necessaria sunt, paremus, aratra simplicia uel, si plana regio permittit, aurita, quibus possit contra stationes umoris hiberni sata celsior sulcus adtolleere, bidentes, dolabras, falces putatorias, quibus in arbore utamur et*

correspondem, ali, a “arados simples” (*aratra simplicia*, I, 42, 1) ou “de aivecas” (*[aratra] aurita*, I, 42, 1); “enxadas” (*bidentes*, I, 42, 1); “alviões” (*dolabras*, I, 42, 1); “foices de podar” (*falces putatorias*, I, 42, 1); “foices de colheita ou de feno” (*[falces] messorias uel fenarias*, I, 42, 2); “enxadões” (*ligones*, I, 42, 2); *lupos*, isto é “serrinhas com cabo menores e maiores até a medida de um cúbito” (*serrulas manubriatas minores maioresque ad mensuram cubiti* – I, 42, 2); “uma ‘agulha’, com que se afundam sarmentos nos terrenos lavrados a enxada” (*acus, per quas in pastinis sarmenta merguntur*, I, 42, 2); “foices afiadas atrás e em formato de lua” (*falces a tergo acutas atque lunetas*, I, 42, 2); “facas curvas menores” (*cultellos... curuos minores*, I, 42, 2); “pequenas foices bem curtas e tubulares” (*falciculas breuissimas tubulatas*, I, 42, 3); “serrinhas menores” (*serrulas minores*, I, 42, 3); “pás” (*uangas*, I, 42, 3); “sachos” (*runcones*, I, 42, 3); “machados simples ou de dois gumes” (*securas simplices uel dolabradas*, I, 42, 3); “enxadas simples, duplas ou enxadas com feitio de ancinho na parte de trás” (*sarculos uel simplices uel bicornes uel ascias in auersa parte referentes rastros*, I, 42, 3); “ferramentas para castrar e tosar” (*castratoria ferramenta atque tonsoria*, I, 42, 3).

Além de tais ferramentas comporem um rol numericamente maior do que havia no trecho correlato de Virgílio, também se apresentam não com alusões a personagens ou eventos míticos – o que importa à fantasia –, mas sim com palavras destinadas ao refinamento de sua forma e/ou função. Tal é o caso de Paládio descrever alguns dos itens citados como “maiores” ou, sobretudo, “menores”, de dizer “curvas” as facas de I, 42, 2, de explicar que entende por

uite: [2] item messorias uel fenarias, ligones, lupos id est serrulas manubriatas minores maioresque ad mensuram cubiti, quibus facile est, quod per serra fieri non potest, resecano trunco arboris aut uitis interseri, acus, per quas in pastinis sarmenta merguntur, falces a tergo acutas atque lunetas, cultellos item curuos minores, per quos nouellis arboribus surculi aridi aut extantes facilius amputentur: [3] item falciculas breuissimas tubulatas, quibus silicem solemis abscidere, serrulas minores, uangas, runcones, quibus uepreta persequimur, securas simplices uel dolabradas, sarculos uel simplices uel bicornes uel ascias in auersa parte referentes rastros: item cauteris, castratoria ferramenta atque tonsoria uel quae ad animalia solent pertinere medicinam. – “Preparemos de fato aquelas ferramentas que são necessárias no campo, arados simples ou, se uma região plana o permite, de aivecas, com que um sulco mais alto possa erguer as sementes contra a água parada no inverno; enxadas; alviões; foices de podar, que utilizamos na árvore ou na vinha: [2] ainda, foices de colheita ou de feno; enxadões; *lupi*, isto é, serrinhas com cabo menores e maiores até a medida de um cúbito, para as quais é fácil serem inseridas (o que não pode ser feito com uma serra) ao cortar um tronco de árvore ou de vinha; uma “agulha”, com que se afundam sarmentos nos terrenos lavrados a enxada; foices afiadas atrás e em formato de lua; ainda, facas curvas menores, com que, nas árvores novas, os rebentos secos ou salientes sejam mais facilmente cortados: [3] ainda, pequenas foices bem curtas e tubulares, com que costumamos cortar sílex; serrinhas menores; pás; sachos, com que atacamos os silvados; machados simples ou de dois gumes; enxadas simples, duplas ou enxadas com feitio de ancinho na parte de trás: ainda, cautérios; ferramentas para castrar e tosar ou para animais, sendo em geral atinentes à veterinária” (trad. nossa).

“agulha” um instrumento de auxílio no plantio dos sarmentos etc. Ainda, se a repetição de alguns dos termos empregados para tais descrições gera certa impressão de monotonia,²³ diferentemente da maior *uariatio* encontrável nesse aspecto em *Geórgicas* I, 160-168, leva vantagem o tratadista pela riqueza de seu léxico geral sobre tais equipamentos rústicos e ainda por não poupar explicações a respeito de mais de um objeto.

Passando ao seguinte par de trechos didático-técnicos a serem comparados, inicia-se o livro IV das *Geórgicas*, depois de um curto proêmio, com o trecho temático situado entre v. 8 e v. 32: trata-se de descrever as qualidades desejáveis, ou não, no lugar onde deverão situar-se as colmeias de abelhas. Primeiramente, em v. 8-17, Virgílio elenca as características que deverão ser evitadas no sítio em jogo, mencionando nesse quesito o “acesso dos ventos” (*uentis aditus*, v. 9); as “ovelhas e bodes provocantes” (*oues haedique petulci*, v. 10); a “novilha errante” (*errans bucula*, v. 11); os “lagartos de dorso pintado” (*picti... terga lacerti*, v. 13); os “abelharucos e outras aves” (*meropesque aliaequ uolucres*, v. 14), bem como a “andorinha marcada no peito por mãos sangrentas” (*manibus Procne pectus signata cruentis*, v. 15).²⁴ Segundo os motivos dados pelo poeta, o vento impediria as abelhas de carregarem o alimento para a morada, lagartos e aves devoram-nas, ovelhas e bodes “ferem”, ou comem, as plantas melíferas e a novilha as pisoteia.

Em seguida, entre v. 18 e v. 32, Virgílio apresenta as qualidades a serem requeridas no lugar de estabelecimento da colmeia:

Mas fontes claras e tanques verdes pelo musgo
haja, e um riacho a fugir pela relva; e palmeira
ou enorme zambujeiro sombreiem o *vestibulo*
para que, ao guiarem novos reis os primeiros enxames
em sua primavera e brincar a *juventude* saída
dos favos, margem vizinha *convide* a fugir do calor
e árvore exposta os retenha sob folhosas *hospedagens*.
No meio, quer fique parada, quer flua a seiva,
lança salgueiros atravessados e grandes pedras,
para que possam parar sobre *pontes* compactas
e as asas ao sol estival estender, caso, demorando,
Euro atirado as respingue ou afunde em *Netuno*.
Em volta, lauréolas verdes, serpões que recendem

²³ Como já foi dito (TREVIZAM, 2014b, p. 86), a repetição vocabular e/ou de estruturas sintáticas não é um traço incomum dos escritos dos agrônomos romanos. Isso se verifica desde o *De agri cultura* catoniano (séc. II a.C.), com fins de enfatizar pontos informativos de importância e para absoluta clareza.

²⁴ No mito grego, Procne era a filha do rei Pândion de Atenas, que matou Ítis, seu sobrinho, depois de estuprada e mutilada pelo cunhado, Tereu; em seguida, foi metamorfoseada em andorinha. Como explica Ovídio (*Metamorfoses* VI, 669), as manchas vermelhas sobre o peito da ave seriam uma lembrança desse assassinio.

longe e abundância de *thymbra* com forte odor floresçam, e bebam violetas da fonte que se espraia.²⁵

Nos versos 18-20, vemos que o local descrito se aproxima bastante da convenção clássica do *locus amoenus*, muitas vezes encontrado na Literatura pastoril e associável a cenas de encontro amoroso;²⁶ o que não deixa de ser irônico, pois Virgílio fala, em *Geórgicas* IV, 200-201, que as abelhas realizariam reprodução assexuada, colhendo seus filhotes das flores. O elemento aquático, essencial para a fabricação do mel, ressurge em v. 25-29 e após as sombras de “folhosas hospedagens” (*hospitiis... frondentibus*), com a referência à “seiva” (*umor*) onde serão feitas “pontes” (*pontibus*). Por fim, apenas quatro espécies de plantas melíferas são referidas em v. 30-32, seguindo o padrão de falta de detalhamento (inclusive do vocabulário técnico) que mencionamos como algo comum nas *Geórgicas* (DALZELL, 1996, p. 107).

Ademais, os termos em destaque na tradução, “vestíbulo” (*uestibulum*, v. 20), “juventude” (*iuuentus*, v. 22), “convide” (*inuitet*, v. 23), “hospedagens” (*hospitiis*, v. 24), “pontes” (*pontes*, v. 27) e “Netuno” (*Neptuno*, v. 29) não se encontram empregados em sentido tão usual, podendo os cinco primeiros aplicar-se, mais estritamente, a contextos envolvendo seres humanos. O emprego de “Netuno” por “água”, enfim, é poético e foge ao sentido denotativo do termo, vindo claramente a constituir metonímia (SERIGNOLLI, 2018, p. 99): muitas vezes, as invenções ou atributos de um deus/deusa são designados por seus nomes (ex. “Ceres” pelos grãos e “Líber” pelo vinho).

O trecho tematicamente afim em Paládio,²⁷ sendo mais um dos muitos em que esse tratadista aborda a apicultura em *Opus agriculturæ* – I, 37, 6-8;

²⁵ Virgílio, *Geórgicas* IV, 18-32: *At liquidi fontes et stagna uirentia muscol adsint et tenuis fugiens per gramina riuos,/ palmaque uestibulum aut ingens oleaster inumbret,/ ut, cum prima noui ducent examina reges/ uere suo ludetque fauis emissa iuuentus,/ uicina inuitet decedere ripa calori,/ obuiaque hospitiis teneat frondentibus arbor./ In medium, seu stabit iners seu profluet umor,/ transuersas salices et grandia conice saxa,/ pontibus ut crebris possint consistere et alas/ pandere ad aestiuom solem, si forte morantis/ sparserit aut praeceps Neptuno immerserit Eurus./ Haec circum casiae uirides et olentia late/ serpylla et grauiet spirantis copia thymbrael floreat inriguomque bibant uiolaria fontem* (trad. nossa, grifos nossos). Os termos em destaque, no latim e em português, marcam expressão antropomorfizada de aspectos do mundo natural ou, especificamente, das abelhas (bem como uso da metonímia em “Netuno”).

²⁶ Moisés, 2004, p. 448: “Por exemplo, o *locus amoenus*, lugar aprazível, ‘uma bela e ensombrada nesga da Natureza’, composta no mínimo de ‘uma árvore (ou várias), uma campina e uma fonte ou regato’”.

²⁷ Paládio, *Opus agriculturæ* I, 37, 1-5: *Apibus stationem non longe a domnicilibus uel in horti parte secreta et aprica et a uentis remota et calidiore locare debemus, quae in quadratam constituta mensuram fures et accessus hominum pecudumque submoueat. Sit abundans floribus, quos uel in herbis uel in fructibus uel in arboribus procuret industria. [2] Herbas nutriat origanum, thymum, serpillum, satureiam, melisfyllum, uiollas agrestes, asfodilum, citreaginem, amaracum,*

IV, 15, 1-4; V, 7, 1-7; VII, 7, 1-9; IX, 7; XI, 13; XII, 8, 1-2 –, inverte a ordem de apresentação em Virgílio, pois agora os pontos a serem buscados no lugar de assentamento das abelhas precedem aqueles a serem evitados. São os pontos desejáveis, a saber, a proximidade da casa senhorial; abundância de flores advindas de “1. ervas, 2. arbustos ou 3. árvores” (*uel in herbis uel in fruticibus uel in arboribus*, I, 37, 1), tais como 1. “orégano” (*origanum*), “tomilho”

*hyacinthum, qui iris uel gladiolus dicitur similitudine foliorum, narcissum, crocum ceterasque herbas suauissimi odoris et floris. In fructibus uero sint rosae, lilia, uiolae flauae, rosmarinus, ederae: in arboribus zizyphus, amygdalus, persicus, pirus pomiferaeque arbores, quibus nulla amaritudo respondet flore desucto: siluestria uero glandifera robora, terebinthus, lentiscus, cedrus, tilia, ilex minor et linus. Sed taxi remoueantur inimicae. [3] Primi saporis mella thymi sucus effundit, secundi meriti thymbra, serpillum uel origanum, tertii meriti rosmarinus et satureia. Ceterea ut arbutus et olera sapore rustici mellis efficiunt. Sint autem arbores a septemtrionali parte dispositae. Frutices atque uirgulta ordines suos sub maceris exequantur. Herbas deinde plano post frutices conseremus. Fons uel riuus huc conueniat otiosus, qui humiles transeundo formet lacunas, quas operiant rara et transuersa uirgulta sedes tutas apibus praebitura, cum sitient. [4] Sed ab his apium castris longe sint omnia odoris horrendi, balneae, stabula, coquinae fusoria. Fugemus praeterea animalia, quae sunt apibus inimica, lacertos et blattas et his similia. Aues etiam pannis et crepitaculis terreamus. Purus custos frequens et castus accedat habens noua aluearia praeparata, quibus excipiat exanimum rudis iuuentus. [5] Vitetur odor coeni et cancer exustus et locus, qui ad humanam uocem falsa imitatione respondet. Absint et herbae tithymallus, elleborum, thapsia, absinthium, cucumis agrestis et omnis amaritudo conficiendae aduersa dulcedini. – “Devemos situar a morada das abelhas não longe da casa do senhor ou em parte do horto isolada, exposta ao sol, distante dos ventos e um tanto aquecida; e, feita em espaço quadrado, repila os ladrões e o acesso dos homens e dos animais. Abunde nas flores que o empenho obtiver das ervas, dos arbustos ou das árvores. [2] Que a área nutra ervas como o orégano, o tomilho, o serpão, a segurelha, a erva-cidreira, as violetas silvestres, o asfódelo, a melissa, a manjerona, o jacinto que se diz “íris” ou “gladiolo” pela semelhança das folhas, o narciso, o açafraão e as demais ervas de odor e flor mais suaves. Entre os arbustos, haja na verdade rosas, lírios, violetas amarelas, alecrim e heras. Entre as árvores, a açofeifeira, a amendoeira, o pessegueiro, a pereira e as árvores frutíferas, aos quais nenhum amargor resulta se a flor for sugada. Quanto às silvestres, na verdade, os carvalhos produtores de bolotas, o terebinto, o lentisco, o cedro, a tília, a azinheira menor e o folhado. Mas que se removam os teixos hostis. [3] A seiva do tomilho produz méis de excelente sabor, de segundo lugar a *thymbra*, o serpão ou o orégano, de terceiro o alecrim e a segurelha. O restante, como o medronheiro e as hortaliças, obtém um sabor de mel rústico. Sejam, porém, as árvores dispostas do lado norte. Que os arbustos e ramagens se alinhem em fileiras sob os muros de pedra. Em seguida, plantaremos as ervas em terreno plano, depois dos arbustos. Afluam para cá fonte ou rio calmo para formar lagoas rasas atravessando; cubram-nas moitas de varas espaçadas e atravessadas, para darem lugar seguro às abelhas quando tiverem sede. [4] Mas fiquem longe dessas colmeias de abelhas todas as coisas de cheiro terrível: banhos, estábulos, cozinhas e canos de despejo. Fugamos, além disso, dos animais que são hostis às abelhas: lagartos, traças e os semelhantes a esses. Também espantemos as aves com trapos e guizos. Que um guardião limpo, assíduo e casto se aproxime tendo preparados novos cortiços, nos quais a juventude inexperiente dos enxames seja recebida. [5] Evite-se o odor do estrume, o caranguejo queimado e o local que ecoar a voz humana com falsa imitação. Afastem-se também estas ervas: a maleiteira, o heléboro, a canafrecha, o absinto, o pepino silvestre e tudo de amargo, inimigo da obtenção de doçura” (trad. nossa).*

(*thymum*), “serpão” (*serpillum*), “segurelha” (*satureiam*), “erva-cidreira” (*melisfyllum*), “violetas silvestres” (*uiolas agrestes*), “asfódelo” (*asfodilum*), “melissa” (*citreaginem*), “manjerona” (*amaracum*), “jacinto” (*hyacinthum*), “narciso” (*narcissum*), “açafraão” (*crocum*); 2. “rosas” (*rosae*), “lírios” (*lilia*), “violetas amarelas” (*uiolae flauae*), “alecrim” (*rosmarinus*), “heras” (*ederae*); 3. “açofeifeira” (*zizyfus*), “amendoeira” (*amygdalus*), “pessegueiro” (*persicus*), “pereira” (*pirus*), “árvores frutíferas” (*pomiferaeque arbores*), “carvalhos produtores de bolotas” (*glandifera robora*), “terebinto” (*terebinthus*), “lentisco” (*lentiscus*), “cedro” (*cedrus*), “tília” (*tilia*), “azinheira menor” (*ilex minor*) e “folhado” (*linus*); um “terreno plano” (*plano*, I, 37, 4); também afluam para lá, sem antropomorfizações ou metonímias,

fonte ou rio calmo para formar lagoas rasas atravessando; cubram-nas moitas de varas espaçadas e atravessadas, para darem lugar seguro às abelhas quando tiverem sede.²⁸

Depois, devem distanciar-se do espaço do apicultor “todas as coisas de cheiro terrível” (*omnia odoris horrendi*, I, 37, 4), ou seja, “banhos” (*balneae*), “estábulo” (*stabula*), “cozinhas” (*coquinae*) e “canos de despejo” (*fusoria*); os “animais que são hostis às abelhas” (*animalia, quae sunt apibus inimica*, I, 37, 4), ou seja, “lagartos” (*lacertos*), “traças” (*blattas*) e “os semelhantes a esses” (*his similia*); “odor de estrume” (*odor coeni*), “caranguejo queimado” (*cancer exustus*) etc.; ainda, as seguintes ervas: “maleiteira” (*tithymallus*), “heléboro” (*elleborum*), “canafrecha” (*thapsia*), “absinto” (*absinthium*), “pepino silvestre” (*cucumis agrestis*) e “tudo de amargo, inimigo da obtenção de doçura” (*omnis amaritudo conficiendae aduersa dulcedini*, I, 37, 5).

A limpidez dos dizeres paladianos, em que a sobriedade da forma não “compete” com o detalhamento e clareza dos conteúdos pela atenção do leitor, presta-se a oferecer-lhe razoável cabedal de conhecimentos, de acordo com os princípios do *docere* “ensinar” (FÖGEN, 2009, p. 29). Na verdade, se, pela definição da *Retórica a Herênio* (IV, 11), o chamado “estilo tênue” (*genus humile/attenuatum*) diz respeito a um emprego da linguagem “rebaixado até o uso mais corrente do falar correto” (*quae demissa est usque ad usitatissimam puri consuetudinem sermonis*), a parcimônia expressiva de *Opus agriculturae* tende a aproximar-se dele; ainda, preceituava a retórica que exprimir-se de tal forma adequava-se à função do ensinamento (REBOUL, 2004, p. 62).

²⁸ Paládio, *Opus agriculturae* I, 37, 3: *Fons uel riuus huc conueniat otiosus, qui humiles transeundo formet lacunas, quas operiant rara et transuersa uirgulta sedes tutas apibus praebitura, cum sitient* (trad. nossa).

4 CONCLUSÃO

Diante de um legado como o de Paládio e suas características supracitadas, as *Geórgicas* de Virgílio situam-se em outro polo do *continuum* constituído pelos escritos agrários romanos. Nelas, com efeito, prevalecem os encantos da poesia (com ocorrências de metáforas, metonímias, antropomorfizações e atrativas imagens), mas escasseiam importantes dados, como já notaram os antigos.²⁹ Valeria a pena mencionar que, segundo a dita *Rota Vergilii* e seu sistema de divisão medieval das três obras de Virgílio entre diferentes temas, estilos, fauna, flora etc. (FILOCHE, 2007, p. 59-60), coube às *Geórgicas* o “estilo ameno” (*genus medium*) da elocução,³⁰ justamente aquele adaptado ao deleite dos ouvintes (REBOUL, 2004, p. 62).

No plano do léxico, que aqui privilegiamos como foco das análises por seu potencial facilmente revelador dessas diferenças, o vocabulário rústico de Virgílio amiúde se mostra afastado de estritos sentidos denotativos, além de menos copioso e até mitológico, enquanto Paládio se conserva, em geral, em plano lexical “sóbrio”, detalhado e mais incisivo. São modos bem distintos, enfim, de direcionar a escrita agrônômica em Roma, com isso se atestando a riqueza de possibilidades de leitura e exploração de sentidos para os estudiosos dos autores correspondentes.

REFERÊNCIAS

- CARTELLE, E. M. Prosa técnica no gramatical. In: CODONER, C. (org.). *Historia de la literatura latina*. Madrid: Cátedra, 2007, p. 795-810.
- CASAS, A. M. Introducción. In: PALADIO. *Tratado de agricultura; Medicina veterinária; Poema de los injertos*. Trad., introducción y notas de Ana Moure Casas. Madrid: Gredos, 1990, p. 7-71.
- CICERONE. La retorica a Gaio Erennio. In: CICERONE. *Opere retoriche*. A cura di Enrica Malcovati et alii. Milano: Mondadori, 1998, p. 547-955.
- DALZELL, A. *The criticism of didactic poetry: Essays on Lucretius, Virgil and Ovid*. Toronto/ Buffalo/London: University of Toronto Press, 1996.
- DE MEO, C. *Lingue tecniche del latino*. Bologna: Pàtron, 1986.
- EFFE, B. *Dichtung und Lehre: Untersuchungen zur Typologie des antiken Lehrgedichts*. München: Beck, 1977.

²⁹ Sêneca. *Epistulae* 86, 15: *Vt ait Vergilius noster, qui non quid uerissime sed quid decentissime diceretur aspexit, nec agricolas docere uoluit sed legentes delectare*. – “Como diz nosso Virgílio, que não olhou o que dissesse do modo mais verdadeiro, mas do mais belo, *nem quis ensinar a agricultores, mas deleitar seus leitores*” (trad. e grifo nossos).

³⁰ Cícero (?), *Retórica a Herênio IV*, 11: *Mediocris est, quae constat ex humiliore neque tamen ex infima et peruulgatissima uerborum dignitate*. – “É mediano/ameno o que consiste em uma elevação mais modesta das palavras; não, contudo, ínfima e o mais banalizada” (trad. nossa).

- FERREIRA, A. G. *Dicionário de Português-Latim*. Porto: Porto Editora: 1983.
- FILOCHE, C. Les comiques dans l'intertexte des *Bucoliques*. In: FILOCHE, C. (org.). *L'intertexte virgilien et sa réception*. Dijon: EUD, 2007, p. 55-85.
- FÖGEN, T. *Wissen, Kommunikation und Selbstdarstellung: zur Struktur und Charakteristik römischer Fachtexte der Frühen Kaiserzeit*. München: C. H. Beck, 2009.
- GRIMAL, P. *Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine*. Paris: Presses Universitaires de France, 1963.
- GRIMAL, P. *La littérature latine*. Paris: Fayard, 1994.
- HOMERO. *Iliada*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- HOMERO. *Odisseia*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- MARCO FÁBIO QUINTILIANO. *Instituição oratória: tomo III – livros 7-9*. Trad. Bruno Fregni Bassetto. Campinas: Unicamp, 2016.
- MARTIN, R. Introduction. In: PALLADIUS. *Traité d'agriculture*, livres I-II. Texte établi, traduit et commenté par R. Martin. Paris: Les Belles Lettres, 1976, p. XXXVI-XXXVIII.
- MOISÉS, M. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- MOTA, M. Tradução de *Sete contra Tebas. Archai*, Brasília, n. 10, p. 145-168, jan.-jul. 2013. <https://periodicos.unb.br/index.php/archai/article/view/8373> Acesso em 13 de junho de 2022.
- PALLADII RUTILII TAURI AEMILI. *Opus agriculturae*. Ex recensione J. C. Schmittii. Lipsiae: G. B. Teubner, 1898.
- PRIETO, M. H. U. *Dicionário de Literatura grega*. Lisboa: Verbo, 2001.
- REBOUL, O. *Introdução à retórica*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SENECA. *Epistles, vol II: Epistles 66-92*. Translated by Richard M. Gummere. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1920.
- SERIGNOLLI, L. A metonímia segundo os gramáticos e rétores latinos. *Classica*, São Paulo, vol. 31, n. 1, p. 89-110, 2018. <https://revista.classica.org.br/classica/article/view/590> Acesso em 13 de junho de 2022.
- TAUB, L. *Science writing in Greco-Roman Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.
- THOMAS, R. F. Prose into poetry: tradition and meaning in Virgil's *Georgics*. In: TARRANT, R. J. (org.). *Harvard studies in classical philology*. Cambridge, Mass./London, vol. 91, p. 229-260, 1987.
- TOOHEY, P. *Epic Lessons: an introduction to the ancient didactic poetry*. London/New York: Routledge, 1996.
- TREVIZAM, M. Mal e violência nas *Geórgicas* de Virgílio. In: BARBOSA, T. V. R.; OLIVEIRA, F. de; SILVA, M. F. (org.). *Violência e transgressão: uma trajetória da humanidade*. 1ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014a, p. 189-229.
- TREVIZAM, M. *Prosa técnica: Catão, Varrão, Vitruvius e Columela*. Campinas: Unicamp, 2014b.
- VIEIRA, B. V. G. Em que diferem os versos de Virgílio e Lucano. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, Belo Horizonte, vol. 19, n. 3, p. 29-45, 2009. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18314> Acesso em 13 de junho de 2022.
- VIRGIL. *Georgics: volume I – books I-II*. Edited by R. F. Thomas. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- VIRGIL. *Georgics*. Edited with a commentary by R. A. B. Mynors. Oxford: Oxford U.P., 2003.
- VIRGILE. *Georgiques*. Texte traduit par E. de Saint-Denis, introduction, notes et postface par Jackie Pigeaud. Paris: Les Belles Lettres, 1998.
- VIRGÍLIO. *Geórgicas I*. Trad., introdução e notas de Matheus Trevizam. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

- VIRGÍLIO. *Geórgicas III*. Trad., introdução e notas de Matheus Trevizam. Belo Horizonte: UFMG, 2019.
- VOLK, K. *The poetics of Latin didactic: Lucretius, Vergil, Ovid, Manilius*. Oxford: University Press, 2002.
- WEST, D. Two Plagues: Virgil, *Georgics* 3.478–566 and Lucretius 6.1090–1286. In: WEST, D.; WOODMAN, T. (org.). *Creative imitation and Latin Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 71-88.
- WHITE, K. D. *Roman farming*. London: Thames and Hudson, 1970.
- WILKINSON, L. P. *The Georgics of Virgil: a critical survey*. New edition, foreword and bibliography by Niall Rudd. Norman: University of Oklahoma Press, 1997.

Recebido: 13/6/2022

Aceito: 8/7/2022

Publicado: 11/7/2022

Rev. est. class., Campinas, SP, v.22, p. 1-22, e022006, 2022